

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.
Dr. Antonio do Valle e Sousa.
Conde da Esperança.
E. Severim de Azevedo (Crispim).
Ferreira Mendes.
D. Jorge de Menezes.
J. Nunes de Freitas.
Luiz Trigueiros.
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITORIO — **J. Nunes de Freitas.**
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE MAIO DE 1913

N.º 343



O Infante D. Duarte

D. Duarte Nuno Affonso Fernando Maria Miguel Gabriel Raphael Francisco Xavier Raymundo Antonio de Bragança e Bourbon, nasceu no castello de Seebenstein em 23 de Setembro de 1907. E' o unico filho varão do casamento do Senhor D. Miguel de Bragança com sua prima a Senhora D. Maria Thereza de Loewenstein e foram seus padrinhos de baptismo os Infantes de Hespanha, D. Affonso de Bourbon y Este e D. Maria das Neves, irmã do Senhor D. Miguel.
O juvenil principe falla já com muita correcção a lingua portugueza.

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de maio de 1913

CARTAS DO RIO DE JANEIRO

X

AQUEM E ALÉM-MAR

D. Constança Telles da Gama

Por que foi que o nome d'esta illustre dama portugueza adquiriu dentro de poucos mezes, quem e além fronteiras de Portugal, uma justa e sympathica celebridade? Por que foi que a citaram com veneração e a apresentaram como um exemplo os grandes quotidianos de França, da Inglaterra e da Allemanha? Por que fazia parte do seu nome o appellido de Vasco da Gama? Por que lhe corria nas veias o sangue heroico do descobridor da India?

Seria excellente e seria bastante para as prosapias de uma genealogia fidalga, mas nada significaria, nada viria esclarecer ácerca dos primores de um coração eleito, de uma alma diamantina.

Os que se embrenham nas heraldicas e para levantar um nome vão procurar todas as ascendencias gloriosas, se por esse lado apenas quizessem pôr em relevo a individualidade fidalga de D. Constança Telles da Gama, teriam de remontar a uma época ainda anterior á do famoso navegador portuguez, porque o pae do heróe dos *Lusíadas*, Estevam da Gama, já era alcaide-mór da villa de Sines, e já contava entre os seus ascendentes remotos Alvaro Eanes da Gama, que no reinado de Affonso III praticára façanhas epicas na conquista do Algarve.

O feito assignalado de Vasco da Gama, o descobrimento do caminho marítimo da India, as tenças e honrarias com que D. Manuel premiou os seus serviços á patria e á civilisação, concedendo-lhe o titulo de Dom e o habito de Christo, nomeando-o Conde da Vidigueira e Almirante do mar da India, cedendo-lhe uma doação de 300.000 réis de juros e herdade para elle e seus successores, ecoaram tão alto e repercutiram tão longe que apesar de illustres ficaram na sombra os seus avoengos, constituindo elle, por assim dizer, o tronco de uma vasta e poderosa arvore genealogica.

Deixou uns poucos de filhos o grande descobridor e quasi todos elles foram celebres.

Por casamentos, por concessões régias, varios titulos em numerosas vidas vieram pelos seculos fóra augmentar e engrandecer a casa de Vasco da Gama, á qual pertencem os Marquezes de Unhão, de Niza e de Cascaes e os Condes da Castanheira, de Monsanto e da Vidigueira.

Uns, grandes estadistas; outros, generaes famosos; estes visoreis da India; aquelles, escriptores de vulto, poetas consagrados, pôde dizer-se que foram gloriosos para a patria quasi todos os rebentos dessa arvore formidavel que se chama Vasco da Gama, a mais alta do Renascimento portuguez, aquella arvore gigantesca a cuja sombra se ramificou e desenvolveu a civilisação do mundo.

Sente-se movido de um respeito sagrado, quasi religioso, todo aquelle que ao entrar na Sala dos Brazões do velho Paço de Cintra, e olhando para o tecto, onde as antigas familias nobres do reino estão symbolisadas nos seus brazões, notar, do lado esquerdo, aquelle que representa um escudo xadrezado de ouro e vermelho, de tres peças em faixa e cinco em pala, oito de ouro e sete vermelhas, estas carregadas de duas faixas de prata; timbre uma gama de ouro faixada de tres faixas vermelhas. São as armas de Vasco da Gama, accrescentadas mais tarde pelos Condes da Vidigueira, de um escudo com as quinas do reino, timbre meio nayre vestido ao modo da India com uma trunfa e um volante que lhe cõe pelas costas, braços nús, e na mão direita um escudo como o das armas e na esquerda um ramo de canela verde com rosas de ouro.

A impressão produzida por esse brazão d'armas que recorda o maior feito da Historia Portugueza cantado pelo maior poeta de

Portugal, aviva-se e completa-se lendo essas tres estrophes em que Mendes Leal define e resume a figura epica do navegador:

D'esse Gama o vulto infindo
Quem o pôde ir hoje erguer?
Era um Nestor reflectindo,
Um Ajax a combater.
Não cança o braço possante,
Ganha um mundo, segue avante,
E vae depois, como Atlante.
O mesmo mundo suster.

Inda todo salpicado
Do sanguinoso matiz,
Leva o saio arregaçado
Transbordando de rubis.
Ao seu rei sagra contente,
As novas joias do Oriente
Arrancadas ao crescente
Da c'róa dos Çamoris.

Quando a juba sacudia
O leão occidental,
Góa arfava, Adem tremia,
No seu leito de crystal
Num feito, heróe generoso.
Do teu braço glorioso
Chamaste um rei venturoso,
Fizeste um povo immortal.

E' o sangue do heróe, e de tantos heróes que lhe succederam, que corre nas veias de D. Constança Telles da Gama.

A seu pae D. Manuel Telles da Gama, que foi bibliothecario das Côrtes, deu o Rei D. Carlos, por occasião do Centenario da India, o titulo de Conde de Cascaes.

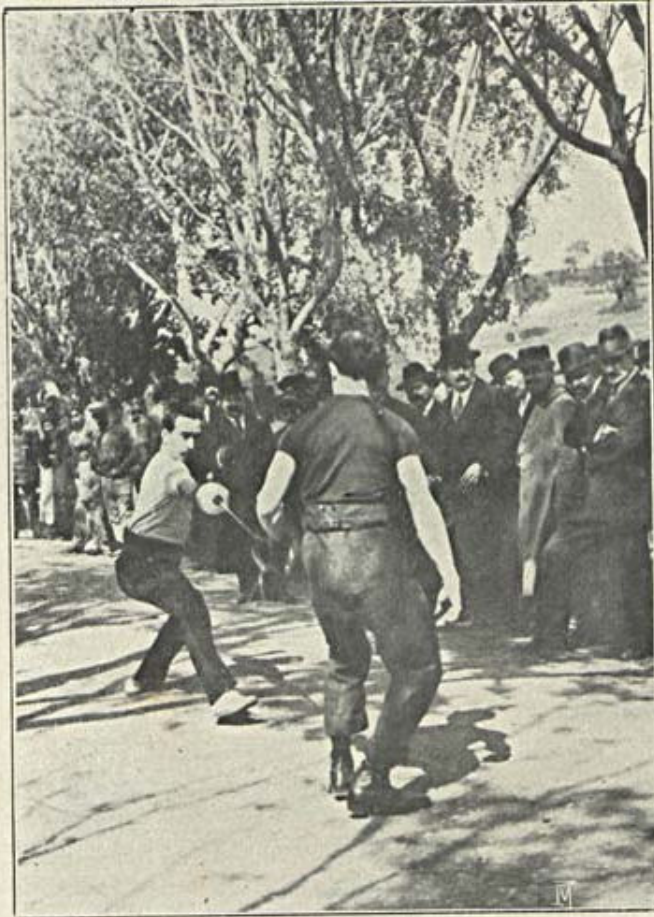
Pertencia-lhe o de Marquez, que era o da sua casa, mas instou com o Rei para o substituir pelo de Conde, visto que era Conde da Vidigueira, seu irmão primogenito, D. Thomaz. Tambem, para mais alta commemoração desse acontecimento nacional, o Rei condecorou o filho do Conde da Vidigueira, José, que hoje vive em Africa, com o mesmo titulo do pae, e a Sra. D. Eugenia Niza, que era então dama da Rainha D. Maria Pia, e vive hoje retirada, com o de Marqueza de Unhão. Associou-se ao Rei o parlamento e o governo dispensando do pagamento de quaesquer direitos por estes titulos honorificos os descendentes de Vasco da Gama. E ainda nos ultimos annos do extincto regimen, um dos filhos do Conde de Cascaes, D. Sebastião, foi no dia do seu casamento, agraciado pelo Rei com o titulo de Conde da Castanheira, um dos mais illustres da casa de Vasco da Gama. Era irmão de D. Constança, e não ha muito ainda que foi sepultado no cemiterio de Cintra, sendo excepcionalmente concedido á prisioneira do Aljube que fosse acompanhar á morada final o cadaver de seu estremecido irmão.

E trajando ainda de luto, em contraste com alegria intima nascida da consciencia satisfeita, pelo bem que fizera, pelas lagrimas que enxugára, pelo estoicismo christão com que supportára os mais tremendos flagelos e martyrios, pela obra que realizára, de simplicidade augusta e de infinita misericordia, foi assim que a prisioneira da Republica se apresentou diante do Tribunal Marcial.

Não lhe encontraram uma sombra de culpa os juizes, por isso que a absolveram. E ella que ao entrar, dias antes, no carro celular que a conduzia ao tribunal, dissera esta palavra sublime: «Vou contente aqui dentro, porque quero sofrer tudo que sofrerem os desgraçados que eu protegi» ao perguntar-lhe o Presidente, no julgamento, o que tinha que alegar em sua defesa, disse esta palavra estoica: «Quero partilhar a sorte dos outros réos».

Estas duas phrases luminosas, singelamente pronunciadas em dous momentos tragicos, pertencem á Historia, que ha de perpetuar-as, como perpetuou aquella em que Vasco da Gama, ao chegar ás costas de Malabar, se ergeu sobranceiro, ante os marinheiros, aterrados por uma convulsão submarina que agitou as aguas e imprimiu aos navios um terrivel balanço. Quando o terror avassalava os espiritos, o almirante, de pé, erguendo, impavido, os braços musculosos, exclamou: «Não hajaes medo: tremem de nós os mares». E o terror desapareceu.

Um duello sensacional



Uma das phases do duello
entre os srs. dr. Antonio Osorio e Carlos Gonçalves

A mais de quatro seculos de distancia, não têm o mesmo cunho de grandeza o heroismo do avô e o estoicismo da neta?

«Mater dolorosa», ha uma figura de tragedia que reservei para o fim: a senhora Condessa de Cascaes. Nobre tambem pela sua familia — é irmã do Sr. Conde do Covo, que reside na sua quinta do Porto, e da Sr.^a Condessa da Ribeira Grande — a mãe de D. Constança Telles da Gama perdeu ha pouco mais de um anno o marido cujos destinos quarenta annos partilhára, mezes depois assaltaram-lhe a casa, apprehendem-lhe cartas, levam-lhe para o carcere a filha extremecida, e nesse lar honesto e venerando deixam afflicções e lagrimas. No apogeu desses flagelos, que o Dante não previra, morre-lhe aos trinta annos o filho muito amado, e toda a linguagem humana é impotente para descrever a angustia infinita do abraço na filha, ainda prisioneira, em presença desse cadaver, tão querido para ambas.

E tão impotentes são as palavras para contarem essa dôr suprema, como para exprimirem a suprema alegria com que essa mãe dolorosa e tragica devia ter ainda ha bem pouco estreitado nos seus braços, em pleno tribunal de guerra, a filha, libertada por ter sido ilibada de toda a culpa, santificada por todos os martyrios, venerada por todas as almas.

JAYME VICTOR.

Epigrama

E' este o vosso Conselho!
O nome foi mui bem dado:
Não é do Estado o conselho
Mas sim conselho de Estado!

MARQUEZ DE PARANAGUÁ.

Horriavel sombra!...

Atheus... descrentes... livres pensadores!...
Iconoclastas, que vos aprazeis
Na destruição das mais sagradas leis,
De que a sorte brutal vos fez senhores,
Que dô que me fazeis!...

Pois a vossa alma é assim tão pequenina?...
Tão acanhado o vosso pensamento,
Que não se eleva, além no firmamento,
P'ra essa luz que a nós nos illumina?...
Oh!... como eu vos lamento!

Por isso é que a descrença vos obumbra,
Vos mat'rializa a mente e vos encerra
N'essa mesquinha vida, terra a terra,
Rodeados de sombra e de penumbra,
Que nenhum céu descerra!

E d'essa funda escuridão inerte,
Contra a luz, que não vêdes, vos lançaes —
Nevroticos, doentes mais e mais,
D'um morbido furor, que vos converte
Em feros canibaeis!

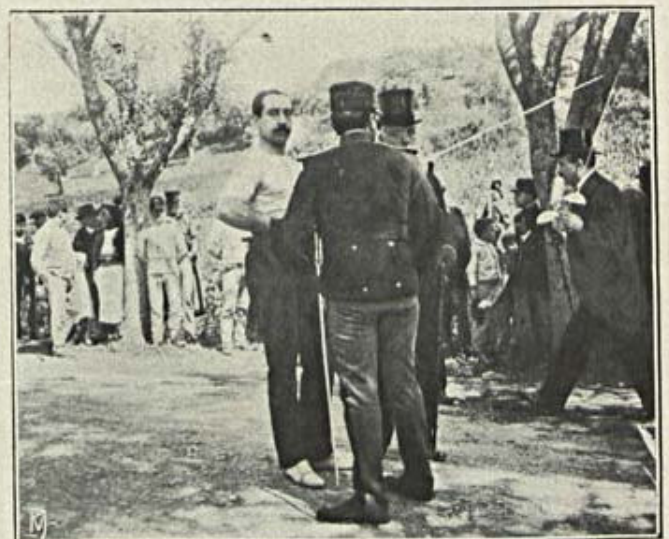
Que cruel deve ser o soffrimento
Do *phobo* horriavel que vos atacou —
Odiar a Igreja que vos baptizou!
Escarnecer, cuspir no Sacramento
Que vossos paes ligou!!

Não ter fé... não ter Deus... não ter além!...
Não ter sitio onde o vosso coração
Possa, ancioso, mandar uma oração,
Quando, um dia, partir a vossa mãe...
Medonha aberração!!!

Estranho *phobo*... sim! Em terra nossa
Elle não nasceu... Como um veneno hostil,
Introduziu-se artificial, subtil,
Pela acanhada, desprezível bossa
Da imitação servil —

Atrabiliarios cerebros opacos,
Dando-vos ares d'homens superiores...
D'uma tragedia atroz meros actores,
Semelhaes uma *troupe* de macacos
Com togas de Doutores!...

MECIA MOUSINHO D'ALBUQUERQUE.



Um duello sensacional — O sr. dr. Antonio Osorio, no inter-
vallo de duas «reprises», conversando com o dr. Antonio Cen-
teno, uma das suas testemunhas, e com o director de campo, te-
nente Veija Ventura.

Os nossos artistas



D. Lucinda do Carmo ao terminar
o seu curso



D. Lucinda do Carmo
no «Templo de Solomão»



D. Lucinda do Carmo
na «Nitouche»

OS NOSSOS ARTISTAS

A SR.^a D. LUCINDA DO CARMO

Não ha nada que mais excite e desenvolva a curiosidade humana do que o nome de qualquer grande artista. O que ela faz, o que pensa, como vive, as suas flôres predilectas, o perfume que prefere, tudo interessa por tal forma a curiosidade publica que me resolvi, para prazer meu e alheio, a visitar os nossos artistas e a dizer d'eles ao publico, com sinceridade e franqueza, a impressão colhida.

Tomada esta resolução, pu-la em pratica imediatamente procurando no Teatro Nacional a notabilissima artista cujo laureado nome encima este artigo.

Introduzida no foyer, appareceu-me dentro de poucos minutos a gentil senhora que me recebeu com a amabilidade que lhe é peculiar.

Já nos conheciamos. Colegas nas letras, eu já tivera occasião de ler e apreciar o seu livro *Fôra de Scena*, e é-me dado o prazer de a contar como uma das mais illustres colaboradoras dum dos almanques que dirijo.

Expuz-lhe o fim da minha visita.

— O quê! Já! Assim de repente... num intervallo de ensaio?

— Não ha, para ter valor, como as cousas inesperadas. As respostas são espontaneas dos labios, têm mais graça, mais naturalidade...

— Convenho. Mas que deseja então que eu lhe diga?

— Muito e nada. Sei que se estreiou na *Estação Calmosa*, n'es-



D. Lucinda do Carmo na sala da sua residencia de Lisboa

sa engraçadíssima traducção a que José Augusto Ferro tão bem soube imprimir um cunho nacional. Conte-me: qual foi a impressão que sentiu ao aparecer em publico pela primeira vez?

— Muito agradável e emocionante. Foi no teatro do Gimnasio,

media, em Madrid, e a seguir voltei ao Gimnasio onde durante quatro epochas representei: *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, *Infanticídio*, *Marido da Debutante*, *Diana de Lys*, *Fidalgos de Moncroix*, *Sergio Panine*, *Marquezinha*, etc.



D. Lucinda do Carmo — Expressão de riso



D. Lucinda do Carmo — Expressão de terror

a 22 de Setembro de 1882. Muitos nervos a pôrem um tic gracioso em toda aquela noite! 30 annos!

E com saudade accrescentou:

— Que longe!

— O tempo vò. Eu tenho uma vaga idéa de a ter visto nessa peça, mas não sei, não posso afirmar. Que noite lhe deixou mais gratas recordações?

— Esteve nos Recreios e na Trindade?

— Estive; e tambem representei na Rua dos Condes.

— Bem sei. Foi quem criou o papel da *Doutora*.

— Ah! Viu?

— Vi e parece-me que ainda estou vendo. Que soberba scena a da lição!

— E' verdade... Eu não ia nisso muito mal.



A casa de jantar da sr.^a D. Lucinda do Carmo

— A primeira da *Nitouche*, 12 de fevereiro de 1887. Noite ideal!

— Que rastro de luz não deve deixar na memoria uma noite assim!... Depois estive em Espanha, não?

— Sim. Fui com Lucinda Simões representar no teatro da Co-

— Ia apenas admiravelmente. E o Augusto de Mello era soberbo tambem no papel do marido!

— Era engraçadíssima aquela peça!

— Deve ter saudades dela porque foi decerto uma das suas glorias. Ninguem depois da sr.^a D. Lucinda desempenhou aquele papel?

— Ninguém.

Fez-se um curto silencio no qual talvez cada uma de nós lembrou por modo diverso as principaes scenas da graciosissima comedia. Por fim perguntei:

— Que peça lhe agrada mais?

— Actualmente, como trabalho, é a *Innocencia*, de Echegaray, peça classica, á qual dediquei todo o meu carinho, toda a minha vontade, na composição da difficil personagem.

— Não conheço essa obra de Echegaray, mas, visto falar-me dela assim, vou mandal-a vir. Que papel sentiu mais ingrato?

— Tenho sentido muitos, mas, quando são assim, castigo-os fazendo-os o melhor que posso e sei.

— Chama se isso fazer boa cara á má fortuna. Agrada-lhe a carreira que seguiu ou desejava outra?

— Nunca desejei outra. Segui a carreira dramatica por paixão. O teatro, o teatro, sempre o teatro. Desejava morrer a representar.

— Uma cousa que é interessante saber: como estuda o seu papel?

— Faço uma leitura da peça com toda a atenção. Procuo o modelo da personagem, se ela é real, invento-o, se é de fantasia. Depois de ter apparecido na minha imaginação a figura que devo realisar, começo a trabalhar o dialogo em perfeita harmonia com a personagem visada até ter bem firmes as palavras. Costumo, tambem dizer as frases por formas muito variadas, até encontrar a que mais me agrada, e repito-a o preciso para me ficar bem gravada na memoria.

— Lembra-se, na *Nitouche*, daquele dueto que cantava com o Joaquim d'Almeida no primeiro acto?

— Se me lembro!...

— Ai o dragão, oh! que beleza!

— Era uma ovação estrondosa, um delirio!...

Um criado, abrindo a porta, annunciou que o terceiro acto ia começar.

Despedi-me da minha gentil interlocutora e subi a Rua Nova do Carmo em caminho da redacção. E, como ia só, fui recordando a conversa havida e relembrando o estranho temperamento artistico da minha entrevistada, que é uma verdadeira rainha na arte de representar. Como ela faz um papel de velha, trémula e gasta, e nos dá uma rapariguita de quinze annos, cheia de viço e frescura, como ultimamente na *Triste Viuvinha*, de D. João da Camara, e sempre magnifica nas suas criações! Que bem ela ia no *Pato Bravo*, do Ibsen! Como é modelar e unica em todos os papeis que desempenha!

Atingiu o cume da sua gloriosa carreira e nela se mantem sempre com vivo esplendor. Foi nomeada societaria de 1.^a classe do teatro Normal em 1898 e novamente readmitida no seu logar em 1912, e n'esse mesmo anno foi nomeada professora da 7.^a cadeira da Escola da Arte de Representar.

Na abalisada opinião dum dos mais antigos empresarios teatraes, Lucinda do Carmo é a maior gloria feminina da scena portuguesa.

Assim como no echo, quando se bate entre os montes o tom é n'uma parte e n'outra a pancada: assim nas adulações do lisongeiro, o tom é em vossos louvores, a pancada em seus interesses.

FR. LUIZ DE SOUSA.

Como se formam as perolas

E' devéras curioso o estudo ha pouco realisado pelo sr. Raphael Dubois sobre a formação das perolas, estudo que, pela profundez com que foi feito e ainda pela competencia do seu illustre emprehendedor, garante as razões dadas ácerca d'esse extraordinario phenomeno.

O sr. Dubois examinou alguns mexilhões que, em determinados pontos da costa do Oceano, se apresentam sempre tufados de perolas, e notou que durante o mez de agosto não se lhes encontrava nenhuma, ou então uma ou outra amostra rarissima, ou ainda uns restos calcareos, semelhantes a fragmentos de dentes cariados.

Em compensação, encontrou no envolvero dos molluscos, á falta de perolas, numerosos pontinhos d'um amarello avermelhado, justamente nos sitios onde as perolas se formam de ordinario; esses pontinhos eram produzidos por pequenos distomas de 4 a 6 decimos de millimetro, em via de se enquistarem.

Mais observou o sr. Dubois que tal enquistamento se realisa d'uma fórma extremamente curiosa.

Ao principio, vê-se a superficie do distoma espargir-se de grãosinhos de carbonato de cal; estas granulações crescem e tomam a fórma de crystaes que se juntam, se agrupam, se entrecruzam de varias maneiras, e acabam por formar um envolvero calcareo continuo, á volta do corpo do animal, que ainda se pôde distinguir mercê da sua tinta amarella.

A concha calcarea torna-se pallida, toma algum oriente, isto é, o aspecto luminoso, a agua d'uma perola, e, n'este momento, o nucleo da perolassinha não é mais do que um pequenino ponto negro, que não tarda a desaparecer, por sua vez.

A perola possui então um lindo oriente, e continua a augmentar pela periphéria em contacto com a bolsa membranosa que rodeia o kisto calcareo. Das observações feitas, resulta que o *Distomum margaritarum* se enquista no *Mytilus edulis* nas costas do Oceanso pelo mez de agosto e que fica enquistado até ao verão seguinte. N'este momento, a casca calcarea perde o brilho, desagrega-se, como o provam os fragmentos de que acima se falou.

D'estas observações apura-se, pois, que as perolas são essencialmente producções ephemerias, destinadas a serem destruidas d'um anno para o outro.

Como é que então vemos algumas perolas persistirem e crescerem em tamanho e belleza? Porque certos distomas enquistados morrem.

Quando succede este accidente, o animal não mais pôde segregar naturalmente, chegado o tempo, os elementos necessarios á desagregação da perola formada, e esta, que é o tumulo do verme, pôde continuar a crescer por depositos successivos da materia nacarada que o mollusco segrega.



D. Lucinda do Carmo pondo o chapéu para ir ao ensaio

Nas grandes paixões a que mais dôe faz ter as outras em menos.

FRANCISCO DE MORAES.

POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XXVII

A AMNISTIA

As esperanças da promettida amnistia para os detidos politicos, desappareceram, depois das palavras proferidas ha dias no parlamento pelo sr. presidente do ministerio.

O sr. Affonso Costa, *indignado* contra o comicio realiado em Londres, onde se tratou da situação dos presos politicos em Portugal, declarou que não abriria as portas dos carceres a esses *criminosos* a quem mimoseou com epithetos improprios e injustos.

Ficou, portanto, esta illusão claramente desfeita. S. Ex.^a não votará a amnistia, o que corresponde a dizer que esse acto não se traduzirá n'um facto. E' um ponto assente. E como o sr. Affonso Costa permanecerá no poder enquanto lhe apetercer pois os outros partidos, mesmo juntos, não terão força para o derrubar *se elle quizer estar*, temos que a amnistia não virá tão cedo, se algum dia vier, porque, muito bem pode acontecer tambem, nunca chegar a decretar-se...

Quando o partido democratico tomou conta do governo disse-se que esse *gesto de paz* seria concedido logo que os julgamentos terminassem. Era uma forma de desviar de momento a necessidade de uma tal medida. Mas emfim era tambem uma luz tenue a aclarar no horisonte a escuridão que tudo envolve.

Pelo tribunal de Santa Clara foram passando com a lentidão de quem saboreia gulosamente o martyrio alheio, as caravanas d'accusados por delicto d'opinião!

No antigo salão de baile dos Marquezes de Lavradio, do velho palacio de Santa Clara, os severos juizes julgaram como lhes aprouve, consoante o momento historico regularizado na irrequieta e exigente assistencia que nas bancadas publicas da antiga sala aristocratica exerceu a sua fiscalisação e a sua ferocidade.

Julgaram, condemnaram e raras vezes absolveram.

Pelas escadas fidalgas da velha habitação dos descendentes do primeiro Viso-Rei da India, hoje transformada em patibulo dos monarchicos — suprema irrisão do Destino! — desceram muitos innocentes, uns com insufficientes provas para criterio seguro sobre a sua culpabilidade, outros... sem mesmo esse luxo legal possuirem, levando marcado a braza sobre o coração o presidio cellular seguido de degredo.

D'um caso sabemos nós, e quantas duzias — quantos centos! — de outros semelhantes haverá, em que só se conseguiu apurar ter o reu algumas vezes recebido na sua repartição individuos com quem conversava, fechando a porta... sem ser á chave!

Desses *perigosos conspiradores* dois eram accusados pelo mesmo delicto, e não se tendo apurado qual era o thema da conversa, *unico crime* impugnado, foram absolvidos, mas o que os recebia — terrivel conspirador! — apanhou o melhor de 2 annos de Penitenciaría na alternativa de 3 de degredo!! Nem um documento, nem uma palavra que ao de leve indicasse intuitos revolucionarios, foi apresentado no julgamento. Nem uma só testemunha que *ouvisse*, nem um só espião que tivesse conseguido *ver* alguma coisa mais do que tres ou quatro sujeitos conversando da mesma maneira e no mesmo local *como o faziam já no tempo da monarchia*!

Este symptomatico caso pertence ao processo Manzoni de Sequeira.

E se o recordámos n'este momento não foi tanto por elle se referir a um amigo e camarada muito querido; foi principalmente por symbolisar a desgraçada situação de tantos homens que não podendo já aguardar a hora da Justiça por ella lhe ter chegado bastante adulterada, esperavam a amnistia como a finalisação do seu cruceiro martyrio.

Não quiz porém o Governo que por mais tempo se fossem amparando a esse lenitivo moral, e agarrando o pretexto do comicio de Londres, quebrou todas as illusões.

Foi a fórma do adiar *sine die* o tão apregoadado *gesto de paz*; e para que bem adubado de hostilidade se encontrasse o terreno onde sempre germinam estes rasgos de firmeza rancorosa, começou-se espalhando que novos planos revolucionarios agitam as *gente reacionarias e «jasuíticas»!*...

Um caso succedido ha dias em Niza demonstra esta *monomania de perseguição* que se apoderou dos republicanos e que, di-

ga-se de passagem, as más linguas filiam como puxos de consciencia democratica...

As coisas passaram-se assim:

Os srs. padre José da Cruz Filipe, sub-delegado do procurador da Republica, n'esta comarca, e padre Joaquim Polido Beato, parcho em Monte da Pedra, actualmente residindo n'aquella villa, combinaram ir, juntamente com o sr. João Ignacio Gonçalves, de Tolosa, passar uns dias na pesca á linha, divertimento muito vulgar na região.

Como a sr.^a D. Virginia Brito, viuva do fallecido proprietario de Gavião, Antonio de Seixas Brito, lhes tivesse offerido hospedagem na sua quinta da Varzea, situada a 2 kilometros de Alvega e a pouca distancia do Tejo, acceitaram o offercimento d'aquella senhora e para a referida quinta partiram.

Parece que no primeiro dia ainda pescaram, mas, nos immediatos, o tempo desabrido não lhes permitiu sahir da vivenda da quinta.

Foi um d'esses dias que, estando os tres tranquillamente a ca-vaquear em volta d'uma braseira, sentiram bater á porta.

O padre Polido, que em tempos foi parcho no Gavião, e a quem a sr.^a D. Virginia Brito déra a auctorisação necessaria para se installar na quinta, fez as honras da casa e foi á porta ver quem batia.

Depararam-se-lhe tres individuos um dos quaes, depois do sr. padre Polido delicadamente os mandar entrar e sentar, disse ser o regedor de Alvega e que vinha alli, em nome da lei, saber quem eram, pois recebera uma denuncia de que na quinta de Varzea se acoitavam conspiradores.

Claro está, que, os *aficionados* pescadores, cahiram das nuvens e não puderam conter o melhor dos seus sorrisos.

O sr. padre Polido expoz o fim que os levava á quinta da Varzea e indicou o seu nome e o dos companheiros.

Mas um tal sr. Marçal, negociante, que acompanhava o regedor, parecia pouco disposto a acreditar o que lhe diziam e á força queria que fosse conspirador o sr. João Ignacio Gonçalves, pae do fallecido dr. Tello Gonçalves, que durante algum tempo exerceu a cargo de governador civil substituto do districto de Portalegre, assim como não podia compreender que não conspirassem, o sub-delegado do procurador da Republica d'aquella comarca sr. padre José da Cruz Filipe e o sr. padre Joaquim Polido Beato, que o mesmo sr. Marçal devia conhecer do tempo em que parchoiu no Gavião.

E alli estavam os inoffensivos pescadores mettidos n'umas *calças pardas* de tal ordem que já lhes pareciam uma *camisa de onze varas*, que só despiriam em Abrantes, séde da comarca onde se encontravam.

Mas, ao fim de algum tempo, lá lograram convencer o regedor a deixa-los em paz, sendo até o mesmo regedor quem levou para Alvega um telegramma redigido pelos *famosos conspiradores* no qual pediam ao alquilador Barreto, d'esta villa, um carro para o regresso.

Quando os homens sahiram, puderam os hospedes da Quinta da Veiga verificar que de todos os lados sahia gente que ao regedor e companheiros se ia juntar e que naturalmente em volta da casa se tinha postado, não fôsse escapar-se-lhe a apetedida presa.

Não sabemos o que o regedor e companheiros ficaram pensando depois que sahiram da quinta, mas é de crêr que ainda magicassem no caso e fossem expô-lo ás auctoridades de Abrantes, pois em seguida foi recebido pelo administrador do concelho um telegramma perguntando se o sub-delegado era o padre Filipe e se estava ausente!...

Tal ia sendo a pescaria!...

E como este pittoresco caso que resultou ingenuo, quantos outros com os mesmos fundamentos, teem degenerado em tragedia.

E tudo porquê? Pela atmosfera de hostilidade que os republicanos, na sua cegueira, se comprazem em crear aos monarchicos e que o adiamento da amnistia para... quando o sr. Affonso Costa cahir, veiu mais uma vez confirmar.

E' assim, cavando cada vez mais fundo o abysmo politico entre a familia portugueza, que se pretende resolver tantos e tão graves problemas que assoberbam o paiz e para solução dos quaes não seriam demasiados os esforços de todos os homens de bem.

E... fallam em *paz*, chicoteando constantemente todas as crenças, todas as convicções e — o que é mais doloroso e revoltante ainda — todos os affectos, separados hoje em milhares de entes pelas grades d'uma prisão immunda.

Ora então... saúde e *fraternidade!*

CRISPIM.



JOÃO ARROYO

Inspirado compositor do «Poema Symphonico»

JOÃO ARROYO

e o «Poema Symphonico»

Pon exigencias de paginação o *Brasil-Portugal* só hoje insere as gravuras que, em o numero anterior, deviam ter acompanhado o artigo do nosso querido collega Ferreira Mendes, acerca do *Poema Symphonico*.

Para obviar esta contrariedade vamos reproduzir a carta que Eduardo Schwilbach, o simillime e talentoso cronista do *Jornal de Noticias*, do Porto, ali inseriu no dia 1.º de abril ultimo, e que constitue uma formosissima moldura, que enquadra, à maravilha, o retrato do genial compositor do *Amor de Perdido* e os dos professores, que constituem a orchestra que, sob a intelligente batuta do novel maestro Henriques dos Santos, no Salão da Trindade, tão brilhante excepção deram ao *Poema Symphonico*.

Eis a ethronica de Eduardo Schwilbach:

«Abril, 3.

Repetidas vezes tenho aqui manifestado a minha enorme admiração por João Arroyo, o grande artista portuguez. Porque elle é artista em tudo: no que ponha olhos e a que lance mão se sempre obra de arte; quanto o seu espirito toque e pertune por mais ardo que seja, logo a arte o envolve e a belleza o transforma. E tem, além disso, o poder de incendescer e tornar fortes os pequenos nadas artisticos, que passavam despercebidos antes de cundir d'elles e de os aproveitar. A sua conversação encanta, os seus discursos arrebatam, a sua musica revela uma tal fertilidade de ideias e um talento tão pujante que o enthusiasmo rompe immediatamente. E essa arte sublime, que, por vezes, o sagra em genio, e-lhe do-

cil e obediencia. Não é ella que o subjuga; é elle que, com o seu temperamento de dominador, activo, a smolda ao seu feitio, a obriga aos seus caprichos, a força aos seus despos. É um amante bello, raiosa de felicidade por se ver possuida, e occultando, humilde, o orgulho de o possuir. É a escrava, agradecendo que o seu senhor a tome nos braços, e ainda em agradecimento, so, beijando-a, elle a estrangulasse. Por isso toda a sua obra, quer em sentimento, quer em dominio, impera com desatigo e traz o cunho do seu actor. Não é servili, não é obediencia; nem um leve traço de submissão, nem um momento em que a individualidade se perca ou se confunda. Sempre elle!

O seu *Poema Symphonico*, cuja audição se realison, ha dias, no salão da Trindade, empolgou; a critica, por dever para quem assumiu tão principal logar no meio artistico portuguez, esboçou um e outro leve reparo, mas enlanceou a produccão, e saudou-o com enthusiasmo, ponto em relevo todas as suas bellezas, como João Arroyo sabe trabalhar a orchestra, a sua inspiração, fôrça da sua phrasa, a libertação, a que o seu talento não pôde fugir, de moldes consagrados, os portmoteiros encantadores de desenho. Nessa critica não entro, por me faltar a competencia, limitando-me a registrar mais este triumpho indiscutivel do formidavel talento de João Arroyo, mas triumpho que tanto satisfaz o meu espirito sempre preso de admiração a este homem de arte.

Al que não ouvimos a poderosa palavra do grande dominador dos parlamentos, com a audacia dos seus ataques que tudo levavam de vendida, com as suas ironias causticas, com os seus sar-

castmos arripadores, com a mais elevada eloquencia quando o momento a requeria, com a subiliza da sua argumentação, e com toda a sua elegante forma litteraria, sempre subjugando e arrebatando, que, de quando em quando, elle nos continue a dar provas da sua outra facção artistica—que modelos de arte eram tambem os seus discursos e da mais grandiosa arte! fazendo-nos ouvir as bellas paginas musicaes, que a sua inspiração lhe dicta. Quando chegara o momento da audição da sua *Leonor Telles*, que com tanta paixão, e com tanto critério artistico, elle concebeu e realison?!

Não são tantos os grandes talentos de Portugal, que não constitua obrigação moral e patriótica de os trazer, o maior numero de vezes possivel, para publico, para que com o calor do seu cerebro fecundem a arte nacional. João Arroyo devia ser solicitado, instado, até obrigado, a sair do seu silencio como orador, e ajudado com a acção dos poderes publicos, levada ao extremo limite, para a exhibição das suas obras musicaes. Não se favorecia assim um homem, nem tão pouco se satisfaria uma verdade individual, se a houvesse; mas prestar-se-ia um grande serviço ao portuguez, a terra portugueza, valorizando e tornando conhecido o que de bello e grande elle encerra. Por isso, repito, deve considerarse como dever patriótico fazer ouvir de novo a poderosa e artistica palavra de João Arroyo, e tornarse conhecida toda a sua obra musical, haja os maiores sollicitões a empregar, haja os maiores sacrificios a fazer. Deixar no esquecimento um talento tão vigoroso e tão cheio de arte, tão productivo e que tanto orgulho nos deve impor, chega a ser crime de lesa-pátria!

Salão da Trindade



A orchestra que executa o «Poema Symphonico» de João Arroyo

VIDA ELEGANTE

No Porto — Torneio de «tennis» Lisboa-Porto



O grupo do Club de Santa Marta de Lisboa

Da direita para a esquerda — sentadas: D. Cecilia Rivara, Affonso Villar, D. Olga Buçaglo, Luiz Ricciardi, D. Maria da Luz da Camara d'Orey, D. José Correia de Sampayo (Castello Novo), D. Angelica Plantier e D. João da Costa (Villa Franca). Em pé: R. Shore, Luiz de Carvalho (Pombal), José Coelho da Cunha, Ernesto Ryder e João Bianchi (Valle Paraiço).

A Vida Elegante

Em Lisboa e no Porto

As crónicas mundanas da quinzêna finda registraram com merecidas palavras de elogio, pelo encanto e esplendôr dos seus aspêtos, as festas na legação de Inglaterra e em casa da senhõra condessa de Burnay.

Lady Hardinge e o ilustre ministro de Inglaterra são da mais atraente convivencia, recebendo sempre os seus convidados com aquêla despretençiosa amabilidade que tanto cativa quem entra nas lindas e elegantes salas da Legação, cujo aspêto de alegria completa a impressão de intenso agrado recebida desde os primeiros instantes. O seu primeiro baile foi por tanto, como éra natural, extraordinariamente animado.

A Legação de Inglaterra, têm amplas salas mobiladas com aquele confôrto e sobriedade decorativa, que são condições obrigatorias em casas de inglêses. Na escada e no vestibulo bem como em alguns dos primeiros salões, vêem-se grandes têlas, copias de Velasques e outros mestres de nomia na pintura, trabalho de mrs. Sommer Coks, que alia ao encanto tão particular da sua convivencia, altos mêritos artisticos, como acontece com seu marido o distinto consul de Inglaterra que é um musico de provada valia.

No bello salão de baile, toda a noite deslisaram algumas dezenas de pares, sucedendo-se as valsas e *Tow-steps*, não faltando o *Tango argentino* que anda agora a fazer triumphalmente o giro dos salões mundanos... enquanto o capricho da moda não lhe dá substituição...

Em casa da senhõra condessa de Burnay realizaram-se com o maior brilho, as três annunciadas receções que foram três inolvidaveis festas mundanas. Como desejâmos fazer brevemente uma larga referencia ao esplendido palacio Burnay com illustrações que documentem as nossas palavras, deixâmos para este momento o relato das impressões que experimentâmos ao entrar nêsse esplendido palacio, que é uma verdadeira maravilha de arte, de elegancia e de bom gôsto.

Sobre a vida elegante na segunda cidade do país recebeu o director d'êsta nossa secção a seguinte carta dum antigo colaborador do *Brasil-Portugal* que encobre o seu nome com o pseudonimo de *Egroj*.

Meu caro Luiz Trigueiros

Segundo a sua carta vejo que quer que eu lhe mande umas notas sobre a vida elegante no Porto, essa cidade que tão nobremente sabe respeitar as suas tradições. O Porto, meu caro Trigueiros, diverte-se e sabe divertir-se. A sua alta sociedade, que é bem escolhida, deu, dizem-me, até ao carnaval festas e *soirées* das que marcam, depois respeitou o tempo santo e agora anunciam-se nada menos do que três grandes bailes e já em honra dos tennistas de Lisboa — socios do *Club de Santa Martha* — e pessoas que os acompanharam, houve uma completa semana de festas.

E foi uma semana em cheio na qual Lisboa não se bateu com o Porto só em *tennis*, mas se bateu tambem em poesia, pois no jantar que o «Lawn-tennis do Foz» offereceu no Palacio Grystal, o ilustre advogado lisboeta dr. Antonio de Souza Madeira Pinto que é um fino *diseur* — digamol'o sem favor — recitou os seguintes versos que um tambem illustre poeta, filho de poeta e neto de poetas — José Coelho da Cunha — havia improvisado:

O nosso bando

Tal como as pombas em bando
— Um bando que vóa, vóa... —
Tambem se partiu voando
Este bando de Lisboa.

Tal como as pombas, porque ellas,
Essas pombas voadoras,
São eguaes, não! menos bellas
Do que estas gentis senhoras.

Por uma tarde serena,
Muito calma, muito linda,
Partimos. Ai! quanta pena
Não sentiremos ainda!

E este bando bateu azas
E poisou tão jovial,
Deixando os ninhos, as casas,
No norte de Portugal.



No Porto — O torneio de «tennis», Lisboa-Porto

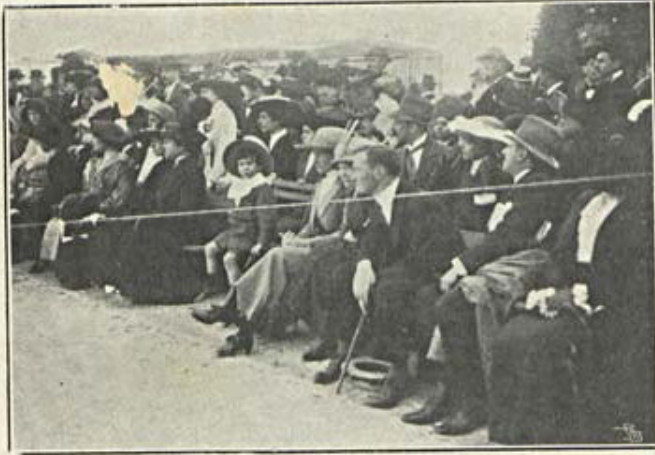
O grupo do «Lawn-tennis da Foz»: Dr. Semeão Pinto de Mesquita, D. Branca de Brito e Cunha, Fernando Valle, D. Olin da da Rocha Leão Valle, D. Laura de Brito e Cunha, D. Purificação de Bettencourt e Alberto Kendall Ramos de Magalhães. Em pé José Cordeiro Roquette, Fernando Nicolau de Almeida, João Arroyo e George Dagge.



No Porto — O torneio de «tennis», Lisboa-Porto
Um aspecto geral dos jogos, vendo-se o torneio a ser disputado nos quatro «courts»

E num remoto lugar
Aonde as aguas do Douro
Se abraçam com as do mar,
Fizemos ancoradouro.

N'um lugar acende as aguas
Do rio, das penedias,
Ao bater d'encontro ás fraguas,
Contam suas agonias.



No Porto — Torneio de «tennis» Lisboa-Porto

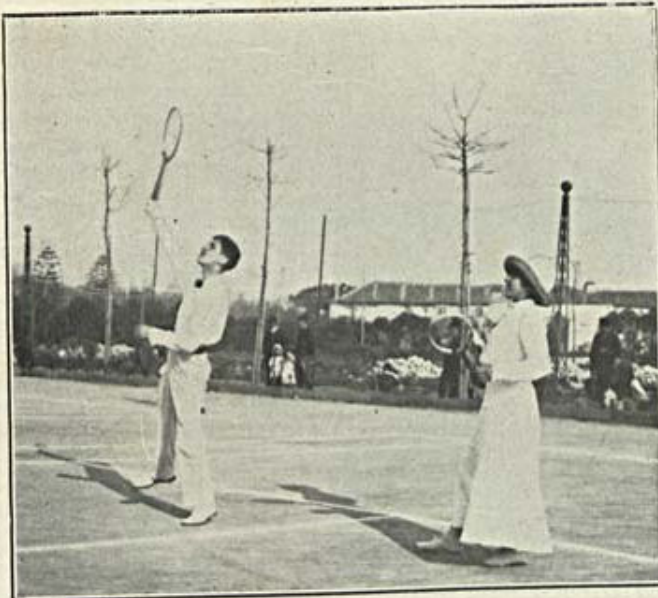
Um aspecto da assistencia na occasião d'uma partida interessante

Tal como as pombas em bando
— Um bando que vóa, vóa... —
Assim se parte voando
O bando para Lisboa.

Um ou dois dias depois, n'um outro jantar, este no Hotel da Boa Vista, na Foz, e offerecido pelos de Lisboa aos do Porto, um poeta *double* de primoroso *discur* e director da secção elegante do *Commercio do Porto* — Alvaro de Paiva — levantando-se apoz varios e entusiasticos brindes recitou esta sua poesia :

A's senhoras de Lisboa

A nossa estrella quiz que vós todas, Senhoras,
De todas attenções gentis dispensadoras,



No Porto — Torneio de «tennis» Lisboa-Porto

Os campeões de Lisboa sr.^{as} D. Angelica de Araujo Plantier
e o sr. D. João da Costa (Villa Franca)

Phot. do Ex.^{mo} Sr. D. João de Bianchi (Valle Paraizo).



No Porto — Torneio de «tennis» Lisboa-Porto

O grupo de Lisboa á sahida do Hotel da Boa Vista
na Foz, onde esteve hospedado

(Phot. do Ex.^{mo} Sr. Fernando Tarujo Formigal)

Viesseis a procurar no norte do paiz
— Por um instante só, para nós bem feliz —
O humilde agasalho e a hospitalidade
D'este orgulhoso burgo: a Invicta Cidade!
Fugistes um momento ao bulicio febril
Da Rainha do Tejo e n'este mez de abril.
Em que tudo é perfume, em que tudo é encanto,
Quizestes misturar vosso mimoso canto
A' nossa voz agreste, á nossa rude voz;
E viestes até aqui, até junto de nós,



No Porto — Passeio do grupo de Lisboa á Boa Nova afim de ver o «Veronese»

(Phot. do Ex.^{mo} Sr. Fernando Tarujo Formigal)

Como um raio de sol que anima e acalenta,
Que nos dá vida e luz, nos ampara e sustenta...
Sêde bemvindas, pois! E, se me é dado ousar
Em nome da Cidade um voto formular,
Peço-vos que volteis a animar brevemente
Esta terra pacata, este burgo dormente!...

E se n'este torneio de poesia, Lisboa empatou com o Porto, em *tennis* foi mais feliz, pois ao *Lawn-tennis da Foz* ganhou tanto em *mixed doubles*, ou não levasse quatro jogadoras como são D. Angelica Plantier, D. Cecilia Rivara, D. Maria da Luz da Camara d Orey e D. Olga Buzaglo, como em *men's doubles*, e ao *Oporto Cricket Club* ganhou em *mixed doubles* tambem e não concluiu em *men's doubles* ficando, porem, com grande numero de jogos a seu favor.

Movimento revolucionario na madrugada de 26 para 27 do mez findo



CA sede da Federação Radical Republicana, na rua de Santo Antão, onde se diu que foi urdido o movimento revolucionario

Na madrugada de 26 para 27 do mez findo foi a cidade alarmada por um movimento revolucionario de caracter republicano, cujo fim parece que era a substituição de alguns homens do regimen e que n'elle teem posição preponderante, por outros da sympathia dos revoltosos.

O movimento nenhuma importancia teria se não significasse o mal-estar da sociedade portugueza, aliaz tão inoportunamente manifestado e por uma forma que quando mesmo surtisse o desejado effeito nenhuns beneficios traria á nação portugueza.

Rapidamente suffocado, presos os chefes, soube-se que o movimento apenas tinha causado uma victima, um infeliz cabo, morto com um tiro, em frente do quartel de engenharia.

Mas o Porto não se limitou ainda depois da Paschoa só ás festas aos lisboetas. Tem havido já no Campo do Bessa, antiga quinta dos Van-Zellers, e que é dos melhores campos de obstaculos do nosso paiz, duas festas de sport hippico organisadas e offerecidas pelo Centro Hippico do Porto; ás quartas-feiras e sabbados ha no elegante salão de festas do «Passos Manoel», todo elle pintado de branco e ouro, as reuniões de patinagem chamadas dos inglezes por a maioria dos seus socios pertencerem a familias inglezas; ás quintas-feiras são as sessões elegantes de patinagem, pois n'esses dias está o magnifico salão tomado por uma sociedade de veras *selected* e composta exclusivamente de cem socios chefes de familia e cem socios solteiros.

E eis, meu caro Trigueiros, a vida elegante no Porto. Melhor do que eu fallam as photographias que eu sei lhe foram enviadas.

22 — IV — 913.

Amigo certo
EGROJ.

As causas dos tremores de terra

Distinguem-se trez especies de tremores de terra: por desmoronamento, vulcanicos e estructuraes.

A primeira categoria tem por causa desabamentos subterraneos do solo em cavidades feitas pela circulação interior das aguas. Estes abalos teem sempre uma fraca propagação.

Os tremores vulcanicos ou de explosão, acompanham as erupções



Movimento revolucionario na madrugada de 26 para 27 do mez findo

Da esquerda para a direita: o segundo official e o quarto são respectivamente o capitão Lima Dias e o tenente Diniç, ambos presos por terem tomado parte na revolta.

vulcanicas. Manifestam-se quando os gases e a massa em fusão fazem esforços para romper a crosta, mais ou menos solidificada, que fecha as crateras dos vulcões em inactividade. Estes esforços são tanto mais energicos quanto o repouso do vulcão foi mais longo.

Os tremores vulcanicos são locais, e a sua propagação depende da maior ou menor força dos gases e da massa em fusão, no que differem extraordinariamente dos tremores estructuraes. Pertencem a esse numero os abalos de Martinica e de Krakatoa, que precederam as ultimas erupções vulcanicas. Estes abalos não foram registados na Europa.

Os tremores estructuraes são os de maior extensão. Estão dependentes da formação das montanhas da crosta terrestre.

Sabe-se que as montanhas continuam a crescer como no passado. E' um movimento muito lento, não proveniente d'uma força interior ascencional, mas da contracção da propria crosta.

D'esta contracção resultam pregas, especialmente escorregamento das massas umas sobre as outras, como se observa no nosso valle de Alcantara.

Reconhece-se actualmente que as regiões de estrutura mais complicada são as mais sujeitas a tremores de terra.

Pena é que o estudo das linhas scismicas da peninsula se não encontre ainda completo em todos os seus interessantissimos pormenores.

Não se conserva a paz do coração senão pelo desprezo do que a pode perturbar.

J. J. ROUSSEAU.



Movimento revolucionario na madrugada de 26 para 27 do mez findo

Soldados revoltosos de infantaria N.º 5, na occasião de serem conduzidos para bordo do «Republica»

PENSAMENTO

Muitas vezes de nossos inimigos os mais temíveis são os mais pequenos.

LA FONTAINE.

THEATROS

Chronicas theatraes

Primeiras representações

Nacional — *Inimigas*, peça em 3 actos, original do sr. Carlos Malheiro Dias.

A auréola litteraria que, tão justamente, cerca o nome de Carlos Malheiro Dias, o delicado burilador das inolvidaveis paginas de *Maria do Céu*, atrahiu á *première* da sua nova peça um verdadeiro publico de *élite*.

Digamos em poucas linhas qual o entrecho das *Inimigas* para que o leitor, que, por acaso, não visse a peça, possa avaliar quanto ella é humana e palpitante de vida.

bons olhos tal união, que vem introduzir n'aquelle lar, até agora tão feliz, uma extranha, que quando não consiga roubar-lhe a affeição paternal ha de pelo menos diminuil-a.

A presciencia feminil de Nina, com uma acuidade invulgar pre-advinha n'aquelle mulher toda a hypocrisia de uma alma baixa e vil. Do contacto d'estes dois caracteres, tão diametralmente oppostos, nasce o conflicto moral. D'ahi o serem — inimigas.

O tal João, primo da mulher do medico, sendo estudante de medicina e pobre, a instancias d'esta, vem viver para casa d'este, de quem é discipulo e a expensas do qual fará a sua formatura.

O medico é reclamado a ir a Abrantes fazer uma operação. Nina que tem surprehendido um colloquio equivoco entre a madrastra e João, em que esta, ao saber que o medico tem de ir fóra de Lisboa, supplica ao primo para passar a noite no quarto d'este, quer impedir o pae de partir. Este não accede e parte effectivamente.

E' alta noite. No quarto de João encontra-se a dona da casa, que envolta em flócos de renda do seu alvo roupão e afogueada pelos desejos contidos, evoca todas as perturbantes reminiscencias das suas passadas relações. João, mordido pelos rebates da sua consciencia, que lhe grita quão vil será a sua acção em atraiçoar o homem que tão bizarramente o acolheu no seu lar, resiste ás caricias e supplicas da prima.

N'isto ouve-se ruido no corredor. Os amantes escutam anciosos. São passos que se approximam. Escancára-se a porta e subitamente surge Nina, que livida de indignação increpa os culpados e, para poupar a seu pae um golpe tão cruel, pois que este vem subindo a escada, intima a madrastra a sair, lançando-se ella nos braços de João.

Para conservar o que julga a felicidade do pae, Nina tem a supre-

THEATROS

THEATRO NACIONAL — As inimigas



As duas inimigas, Augusta Cordeiro (a madrastra) e Delphina Cruz (a enteada)

(Phot. de ***)

Um médico, operador eminente, enviuvára ha annos, concentrando todo o seu affecto em Nina, sua filha unica, que apesar de contar apenas 18 primavéras é já um espirito reflectido, cheio de rectidão. O médico affeiçoando aquella intelligencia precoce e vivaz, confia á filha todos os seus segredos, considerando-a quazi um camarada. Emfim aquella filha era a razão de ser da sua existencia.

Porém, um caso clinico põe o operador em contacto com uma mulher, que sob as mais bellas e seductoras exterioridades occulta uma alma perversa, e apaixonando-se por ella propõe-lhe tornal-a sua esposa. A cliente apesar de não amar o medico, pois tem por amante João, seu primo e companheiro de infancia, deslumbrada pela riqueza d'aquelle, acceta a proposta e o casamento realiza-se.

Nina, que professava pelo pae um verdadeiro culto, não vê com

ma heroicidade de, conservando-se a donzella impolluta, sacrificar-se, ouvindo resignadamente toda a violencia das invectivas que o medico, cego de ira, lhe lança em rosto.

Nina é expulsa de casa, indo para Santarem refugiar-se nos braços de sua avó, baroneza. Esta, que tem a convicção da innocencia da neta, vem a Lisboa, trazendo Nina comsigo. E quando a baroneza e o seu ex-genro procuram decifrar o enygma que os preoccupa, aquella depára sobre a secretária com uma carta da culpada para o marido, carta em que pela primeira vez é sincera, revelando ao médico o verdadeiro motivo porque abandona o lar conjugal. O médico, no paroxismo do desespero, lança mão de um revolver e quando o aponta á frente, Nina lança-se-lhe nos braços, impedindo-o de cometer aquella loucura.

Houve criticos que acoimaram de pouco natural e logico o desenvolvimento da acção das *Inimigas*. Esta asserção é refutada eloquentemente pelo sr. Antonio Guimarães nas seguintes linhas:

se traçou nos tres actos de *Inimigas* é absolutamente humana, sentida, palpante de energia e de grandeza — grandeza quer na virtude, que vence, quer no vicio, que perde.»

THEATRO NACIONAL — As inimigas



2.º acto

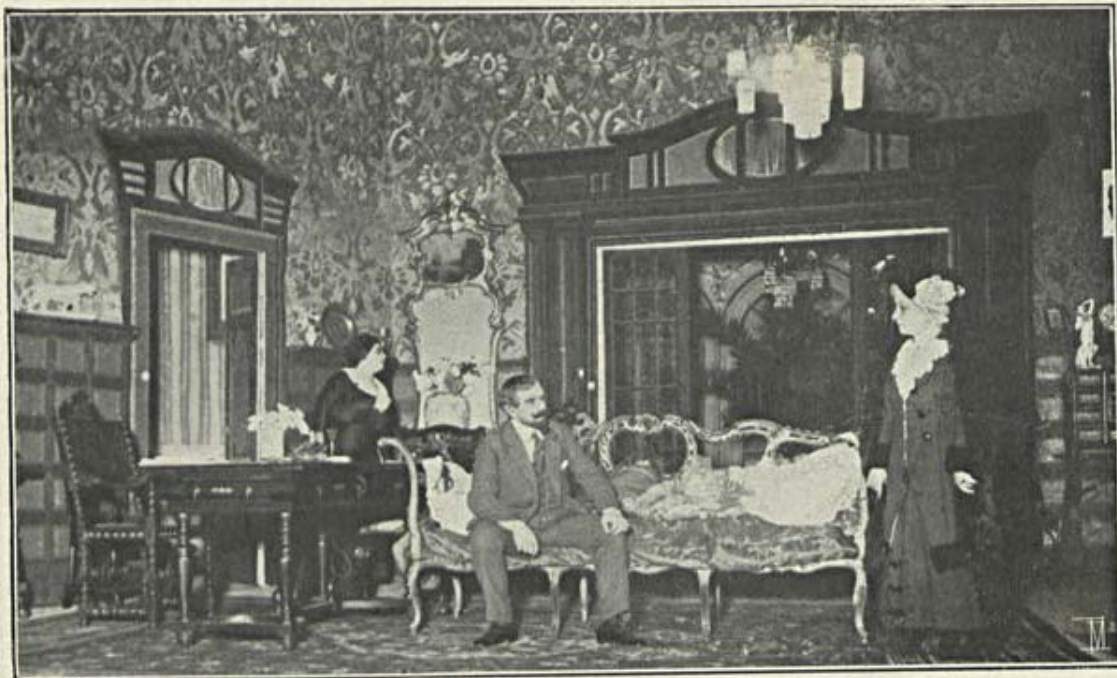
«Em verdade, quem poderá afirmar, mórmente nos tempos de hoje, que um sentimento ou um individuo saia fóra dos limites do natural, se a alma humana, cada vez mais estudada, cada vez mais se ignora?»

Assim, aquelle requintado amor de filha, o quasi sensual amor de pae, que hontem o talento de Malheiro Dias trouxe á ribalta do nosso primeiro theatro de declamação, poderá ter parecido excessivamente

O que, porém, sobreleva a tudo n'este bello trabalho dramatico de Malheiro Dias é o primor litterario do dialogo e o desenho dos caracteres, estudados com grande subtileza psychologica, attingida sómente pelos dramaturgos que pela sua alta cerebração se elevam muito acima da *carpinteria* theatral.

O publico, alheio a *cóteries* e a preconcebidas apreciações, sinceramente emocionado pelos lances dramaticos das *Inimigas*, prodiga-

THEATRO NACIONAL — As inimigas



Final do 3.º acto

(Phot. de ●●●)

exagerado e quiçá doentio, mas cabe perfeitamente dentro da formula do auctor da *Theodora*, senão quizermos, por um exagerado escrupulo, incluil-o nos ambitos da vida natural. Ao nosso espirito, a vida que

lisou effusivas manifestações de apreço a Malheiro Dias, em todos os finais d'acto.

Após longo afastamento da scena, infelizmente motivado por

THEATRO DA REPUBLICA — A Labareda



Scena do 3.º acto

(Phot. de ***)

falta de saúde, reapareceu no palco do *Nacional* Delphina Cruz, que a platéa recebeu carinhosamente. A gentil artista estudou conscienciosamente o papel de *Nina*, bem que á exteriorisação d'essa sympathica personagem imprimisse um certo exagero.

Dos demais interpretes, pouco firmes nos seus papeis, apenas devemos destacar Lucinda do Carmo, que no papel de baroneza, mercê da sua impecavel dicção e naturalidade de movimentos, manteve os seus creditos de artista distinctissima.

As *Inimigas* foram postas em scena com notavel relevo artistico;

e isto devido ao sr. Alfredo Guimarães, um dos admiradores mais entusiastas do talento de Malheiro Dias, ter cedido não sómente moveis e grande numero de objectos artisticos da sua casa, mas ter levado a sua gentileza a ir elle proprio dispol-os no palco do Nacional, com o requintado bom gosto que todos lhe reconhecem. D'ahi a bella exhibição de um verdadeiro museu de preciosidades, especialmente no 1.º acto, cuja resultante foi uma maravilhosa visão d'arte.

FERREIRA MENDES.

COLYSEU DOS RECREIOS



O tenor Castellani e o baritono Alfredo de Mascarenhas na opera «Os Palhaços»

(Phot. de A. C. Lima)

THEATRO DA TRINDADE — Querido Agostinho*Final do 3.º acto***SALÃO OLYMPIA**

*Festa do anniversario do Salão Olympia dedicada à colonia brasileira — A direita o camarote com a familia do sr. consul do Brasil
(Phot. de A. C. Lima)*